

dossiê literatura, colapsos, devires

literature, collapses, becomings

rita paiva¹
francisco pinheiro machado²

A atualidade que é a nossa é não apenas herdeira de sonhos colapsados, mas produtora de colapsos inéditos. Se nos novecentos a violência, a desigualdade, o fracasso dos ideais de emancipação política, o assombro com uma violência até então impensável afloraram de modo devassador, hoje esses fenômenos não apenas se perpetuam, mas soam como irreversíveis, ao mesmo tempo em que assumem formas surpreendentes, inesperadas. Para além, das formas sistemáticas de destruição, de conflitos e guerras, de concentração de riquezas, da sofisticação cada vez maior das formas de dominação, a serviço do qual se põem inclusive os avanços tecnológicos e científicos crescentemente sofisticados, pensemos o retorno de ideias obscurantistas na política e na sociedade, apontando para um mundo humano mutilado e para uma vida coletiva rebaixada. Pensemos o colapso dos sistemas naturais, os fenômenos climáticos que se transformam abruptamente, a extinção cada vez mais notória das florestas e as ameaças que se delineiam como representação de futuro, no qual a espécie humana vislumbra de modo cada vez mais nítido sua própria extinção. Pensemos os anseios por uma compreensão unívoca e estática das formas de subjetivação, dando lugar a representações da interioridade humana destituídas de pluralidade, isentas de clivagens e de regiões insondáveis, o que culmina em intimidades estreitas, incapazes de olhar o outro dentro ou fora de si. Ante tal cenário, talvez caiba indagar se ainda é legítimo sonhar um outro devir que não sinalize para negatividades extremas e quais as vias em que as imagens desse sonho poderiam advir.

Um caminho para tanto pode ser descortinado pela literatura, região de escritura em que se unem o afeto e a inteligência, na qual prevalece a enunciação e não o enunciado, como insiste Barthes. Esse modo peculiar de pensar o mundo humano constitui-se como um universo de linguagem que ultrapassa a destinação desde sempre atribuída pelas sociedades humanas às palavras e à língua. Em prol da linguagem haveria muito a dizer, decerto. Invenção que, em sua articulação com a inteligência, emancipou a espécie. A viabilização de complexa comunicação permitiu a construção de variáveis e infinitos universos simbólicos, libertando-nos do mundo das coisas. Sem ela, o acesso à esfera

¹ Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: rpaiva@unifesp.br.

² Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: fapmachado@unifesp.br.

abstrata da representação, com seus conceitos, categorias e universais estaria para sempre interditado. Como assinala Cassirer, os símbolos nos libertaram da caverna de Platão e impediram que permanecêssemos seres restritos às imposições da biologia, condenados a reagir aos estímulos de um eterno presente. Entretanto, essa potência que nos libertou tem o seu avesso. Ela persegue generalidades, prioriza o estável e atua para que as representações do mundo que nos circunda permaneçam sempre iguais a si mesmas, nos condenando à repetição, persistente mesmo sob a aparente variabilidade das coisas e das realidades culturais. Sua meta é a eficácia. A fixidez das palavras assume papel de antolho. Olhamos o mundo sob o prisma da operacionalidade, uma vez que a meta da linguagem é viabilizá-lo. Tudo o que apreendemos e expressamos tem o rótulo da necessidade de ação, garantindo assim a preservação e continuidade das formas instituídas. Mesmo que as palavras se sofistiquem e ampliem seu alcance para além do caráter utilitário, no fundo da linguagem repousa sua vocação fundamental, a saber, o compromisso com a homogeneização da experiência, a substituição das nuances pelas classificações, a anulação da especificidade e da diferença concreta das coisas e dos acontecimentos.

Não obstante, é ainda a linguagem que pode nos livrar de seus limites. Ela pode voltar-se contra si mesma, escapar aos “socioletos”, investir contra as estruturas canônicas da língua, para ficarmos ainda com Barthes, rasgando o véu que lança sobre a concretude da existência, permitindo que aspectos do real esmaecidos ou não percebidos pelas significações dominantes possam vir à luz. Sim, a literatura é obra de linguagem. Mas, movida também pelos afetos, esse ato de escritura atua em prol dessa negatividade constitutiva dos símbolos. O romancista e o poeta, como lembra Bergson, servem-se das mesmas palavras e dos mesmos símbolos que circulam na sociedade, mas os articulam de tal modo que logram o transtorno dos sentidos cristalizados; findam, pois, por rasgar o véu instaurado pela fixidez simbólica. Descortina-se assim a possibilidade de novos vislumbres do real, sob configurações inteiramente diversas. Processos que desvelam horizontes desmesurados.

Pode-se objetar que o real encoberto pela linguagem nos é inacessível. Não é poder da literatura o desnudar em sua inteireza, o revelando obscenamente. Não obstante, ela pode fornecer frestas e regiões de significações impensáveis no âmbito da linguagem comum. Ao ampliar o alcance dos símbolos, mundos se engendram; isso permite àqueles que neles se lançam, seja na sua produção, seja na sua fruição, o confronto com facetas desconhecidas de um real que sempre nos excede. Indo além, com Ricouer, a experiência da refiguração do mundo próprio pode ser vivenciada para o leitor que vislumbra na literatura prismas do ser que jamais aflorariam na trivialidade cotidiana. Mais radicalmente, pode-se ainda argumentar que a literatura não logra revelar nem mesmo tais prismas ou frestas, afinal, nada se deixa atualizar neste real que transborda o universo simbólico que habitamos. O mundo será sempre uma alteridade inexpugnável ante toda forma de representação; a linguagem dele nos exila definitivamente, insiste Blanchot. Mesmo sob esse olhar desesperançado, a literatura pode ainda criar o seu espaço, um espaço sempre à deriva de uma região que antecede o ser e que o ultrapassa. Se ela não ilumina a noite, tal como pensada por esse autor, ela ao menos nos liberta da esterilidade do dia.

Refletindo acerca dos dizeres de Agamben, sobre o significado de ser contemporâneo, esse estado implica uma capacidade de mirar diretamente o próprio tempo, para captar não as formas que nele se desenham totalmente iluminado, mas para apreender o escuro. O olhar que mira o atual de fato capta a estrela viva, cuja densidade não se dá a ver e cuja existência potente vibra e ultrapassa o olhar humano habituado aos esquadros instituídos. Se nossa contemporaneidade parece iluminar apenas colapsos, ao nos voltarmos para o escuro, talvez vislumbremos possíveis devires, como a promessa que subjaz à estrela ainda incógnita.

O dossiê que a Revista Limiar apresenta nesse número tem por tema “Literatura, colapsos, devires”. Olha assim para a literatura como uma nebulosa, ou como um escuro, no qual talvez se insinuem possibilidades de abertura, de modo que possamos vislumbrar nos movimentos de desintegração, no mesmo sol que nos devora, cesuras ainda promissoras, frestas de futuros inauditos, ainda legítimos de serem sonhados.

Ao final, os artigos que compõem a revista versam sobre literatura, filosofia e sobre o diálogo entre a filosofia e as práticas médicas.